

O lugar de Esmeraldino Salles na memória do choro e da música paulista

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA ou SIMPÓSIO: ST-01 Choro no sentido lato

Felipe Siles de Castro
Mestrando na ECA-USP
felipe.siles@gmail.com

Resumo. O presente trabalho visa compartilhar alguns resultados e reflexões sobre a pesquisa de mestrado recém concluída *Uma noite no Sumaré: o choro negro e paulista de Esmeraldino Salles*. A ênfase principal é analisar a forma como Esmeraldino é retratado ou esquecido nas memórias do choro e da música paulista, além de trazer alguns dados biográficos relevantes sobre o compositor. O objetivo do trabalho é provocar uma reflexão acerca dos discursos que são oficializados ou esquecidos pela narrativa dominante na literatura do choro.

Palavras-chave. Choro. Rádio. São Paulo. Esmeraldino Salles.

Title. Esmeraldino Salles' Place in the Memory of Choro and São Paulo Music

Abstract. This paper aims to share some results and reflections about the recently completed master's research *Uma noite no Sumaré: o choro negro e paulista de Esmeraldino Salles*. The main emphasis is to analyze the way Esmeraldino is portrayed or forgotten in the memories of choro and São Paulo music, besides bringing some relevant biographical data about the composer. The objective of the work is to provoke reflection about the discourses that are officialized or forgotten by the dominant narrative in choro literature.

Translated with www.DeepL.com/Translator (free version)

Keywords. Choro. Radio. São Paulo. Esmeraldino Salles.

1. Introdução

Esmeraldino Salles viveu entre 1916 e 1979, na cidade de São Paulo. Tocava cavaquinho, violão e contrabaixo, mas é como compositor que possui maior projeção, seus choros *Arabiando*, *Perigoso* (composto com Orlando Silveira) e *Uma noite no Sumaré* são gravados, celebrados e homenageados até os dias atuais por nomes importantes do choro e da música instrumental brasileira: Yamandu Costa, Dominginhos, Laércio de Freitas, André Mehmarí e Regional do Canhoto. Foram gravados até hoje três álbuns em homenagem ao compositor: *São Paulo no balanço do choro: ao nosso amigo Esmê* (1980); *Tributo a Esmeraldino Salles* (2002); e *Esmê* (2017). O disco *Esmê* traz para cada música gravada de Esmeraldino um “choro-resposta” composto individualmente ou coletivamente pelos membros do grupo. Além disso, existe uma série de composições homenageando Esmeraldino, dos compositores Maurício Carrilho, Laércio de Freitas, Izaías Bueno Almeida, Orlando Silveira, Wanessa Dourado e Felipe Soares. Porém todo o reconhecimento artístico de sua obra não se traduz em lugar de destaque para Esmeraldino na historiografia do choro e nas memórias da

cidade de São Paulo, já que até o presente momento não havia nenhum trabalho de pesquisa mais profundo, acadêmico ou biográfico, sobre ele.

2. Resumo biográfico

Negro, nascido em São Paulo no dia 11 de junho 1916, filho de Félix Salles e Maria Santos. Esmeraldino começa a sua trajetória musical como autodidata, enquanto presta serviços autônomos como pedreiro, pintor e ferreiro. Mas foi no rádio que Esmeraldino definitivamente se consolidou como um músico profissional. Segundo Cantero (2014, p. 156) Esmeraldino “estreou na Rádio São Paulo, prefixo PRA-5, em 1937” e passou também pelas rádios Gazeta, Record, Cosmos e depois Associadas. Em 1942, é convidado a integrar o Regional da Rádio Tupi, onde trabalhou por décadas, inclusive passando a morar no bairro do Sumaré, onde se localizava a emissora. Na primeira formação, o regional era liderado pelo violonista Antônio Rago, depois por Wanderley Taffo (também conhecido pelo pseudônimo Siles) em 1952 e pelo próprio Esmeraldino a partir de 1958. Esmeraldino também era professor particular de música, tocou na TV Cultura e TV Tupi e acompanhou diversos cantores e cantoras em apresentações e gravações: Silvio Caldas, Germano Mathias, Noite Ilustrada, Anésia, Marion Duarte e Nilde Araújo. Esmeraldino participou do *II Festival de Choro Carinhoso* da TV Bandeirantes em 1978, defendendo sua composição *Arabiando*. Naquele ponto, já com a saúde bastante prejudicada por uma paralisia facial e diabetes, veio a falecer em 14 de janeiro de 1979, em função de uma trombose.

3. Esmeraldino na memória do choro

Apesar das homenagens e relevância na comunidade, Esmeraldino é retratado de forma bastante discreta pela historiografia *mainstream* do choro. Trato aqui de discurso produzido acerca do choro por diversos autores, como por exemplo: Henrique Cazes, Ary Vasconcellos e José Ramos Tinhorão, ganhando um tom nacionalista, e em alguns casos ufanista, muito calcado em ideias de nacionalidade e autenticidade que precisam ser revistas atualmente.

A própria ideia do choro, uma expressão musical afro-brasileira, ter seu discurso produzido por tantos homens brancos já provoca essa distorção. Segundo Misiatto (2021):

Outra forma de promover o declínio das narrativas afrodescendentes é no cerceamento ao direito de fala, controlando-se os meios em que preferencialmente transitam as linguagens creditadas de prestígio e reconhecimento. Em uma grande pesquisa realizada pelo Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea,

coletivo de pesquisadores e pesquisadoras vinculadas à Universidade de Brasília (UNB), fez-se uma varredura em livros publicados por grandes editoras do país, entre 1965 e 2014, e verificou-se que 90% das obras publicadas por essas editoras foram de homens brancos e 60% das histórias protagonizadas por homens, 80% deles brancos, e 90% por heterossexuais, e apenas 2% do grande acervo publicado era de autores negros e menos ainda por mulheres (MISIATTO, 2021, p. 267).

Essa narrativa, comprometida com um projeto nacionalista e de democracia racial não vai se preocupar em retratar e se aprofundar em trajetórias como a de Esmeraldino Salles. Esmeraldino consta em passagens curtas em dois livros que se propõem a contar a história do choro de forma ampla: *Almanaque do Choro* de André Diniz (2013) e *Choro: do quintal ao municipal* de Henrique Cazes (2010). Em Cazes encontramos o nome de Esmeraldino apenas na seguinte citação:

Esmeraldino Sales (sic) se destacou entre os chorões de sua época pela maneira de compor e harmonizar. Curiosamente, não executava o que compunha e o pouco que se ouviu de sua obra deixa no ar uma forte impressão de modernidade, como em seu Choro mais conhecido, “Uma noite no Sumaré”. (CAZES, 2010, p. 96)

Nota-se que Cazes exalta Esmeraldino como compositor, mas destaca esse caráter de anonimato, “o pouco que se ouviu de sua obra”. Esmeraldino aparece no livro de Cazes mais como curiosidade ou exotividade, do que como alguém que realmente contribuiu para o desenvolvimento da linguagem do gênero, que deixou uma obra e um legado para o choro. Em contraponto, Diniz aborda o compositor com destaque, colocando-o como referência do choro paulista:

Uma grande referência entre os chorões paulistas, cultuado ainda hoje nas rodas, foi o compositor, cavaquinista, contrabaixista e líder de regional Esmeraldino Sales (sic). Segundo o arranjador Edmilson Capelupe (sic), “Esmeraldino usava uns escadeamentos harmônicos diferentes, tinha uma levada de cavaquinho toda peculiar; as suas composições eram em duas partes, com temas curtos, usando poucas notas mas muito bem escolhidas. (DINIZ, 2013, p. 39)

Na maioria dos livros sobre o choro, Esmeraldino costuma aparecer sempre em verbetes curtos, com poucas informações. Mesmo informações básicas, como locais e datas precisas de nascimento e falecimento são difíceis de encontrar, fazendo com que as fontes principais para pesquisar sua trajetória sejam: os depoimentos de familiares, amigos, colegas de profissão e entusiastas de sua obra; livros especializados na chamada Era do Rádio; imprensa da época, principalmente as revistas especializadas em rádio; além das raras fichas técnicas em que aparece, já que muitos dos discos gravados enquanto esteve na ativa não apresenta fichas

técnicas detalhadas, relegando não só Esmeraldino mas diversos músicos ao ostracismo e apagamento histórico.

4. Esmeraldino na memória paulistana

A composição mais famosa de Esmeraldino Salles sem dúvidas é *Uma noite no Sumaré*. Através dessa composição, Esmeraldino faz homenagem ao bairro paulista do Sumaré, tornando-o conhecido por toda a comunidade do choro. Além da homenagem direta, Esmeraldino contribuiu décadas enquanto trabalhador da Rádio Tupi, que era afiliada das Emissoras Associadas, que trouxeram ao bairro na época a alcunha de “Cidade do Rádio”, em alusão à “Radio City” da NBC em Nova Iorque, instalada no *Rockefeller Center* (PRADO, 2012, p. 201). Existe ainda uma terceira contribuição, ainda que indireta: seu filho conhecido como Cássio Preto é um dos fundadores da Escola de Samba Tom Maior, um espaço cultural bastante icônico para o Sumaré.

Porém, a cidade de São Paulo prefere, institucionalmente, alimentar, através de seus monumentos e nomes de ruas, memórias que exaltam um passado bandeirante e europeu, relegando as memórias negras e indígenas da cidade ao ostracismo, apagamento, esquecimento e marginalidade. Podemos constatar essa tendência em inúmeros fatos, mas um ótimo exemplo é o descaso com a memória em torno do Largo da Banana, reduto importante do samba de São Paulo:

Para Geraldo Filme, o desaparecimento do Largo da Banana se relacionou com o processo de desenvolvimento urbano na década de 1950. Este foi marcado pela execução de uma política rodoviarista gestada nas décadas anteriores. A construção do Viaduto Pacaembu foi marcada por uma ausência de debates quanto aos usos que se faziam do Largo da Banana ou às pessoas que o frequentavam (SIQUEIRA, 2020, p. 26).

Podemos ainda constatar essa tendência até recentemente, na mudança de nome da estação de metrô Liberdade, que passou a se chamar Japão-Liberdade, provocando críticas de movimentos negros, já que o bairro possui uma memória negra também. Ou até mesmo nos debates de 2021 em torno de manifestantes que queimaram a estátua de Borba Gato, um monumento que nitidamente faz apologia a esse passado bandeirante.

Em termos práticos, a cidade que esquece suas memórias negras trata Esmeraldino da mesma forma. Apesar da contribuição ao bairro, nenhuma rua, avenida, praça se chama Esmeraldino Salles. Nenhuma placa ou monumento o homenageia até a presente data, apesar

de sua obra ser celebrada e homenageada pelos músicos, compositores e entusiastas de sua música.

5. Considerações finais

Investigar a história de Esmeraldino Salles, que não foi devidamente contada em seus detalhes pela historiografia e narrativa *mainstream* do choro é necessariamente tensionar essa narrativa e suas escolhas. Diversos autores adotam o Rio de Janeiro como centro da produção de cultura nacional e não dão o devido espaço às produções de outros estados e regiões do Brasil. Por parte de São Paulo, o racismo estrutural impede que as memórias negras da cidade ganhem projeção nacional. Existe outro movimento, que é o de medir relevância e sucesso pela sua capacidade de produzir discos e projeção internacional. Porém é importante ressaltar que a história da música popular não é necessariamente a história dos discos, e se estamos buscando conhecimento de forma ampla precisamos pensar para além do paradigma de produtividade capitalista.

Referências

- CANTERO, Thais Matarazzo. *Artistas negros da música popular e do rádio* (1ª edição). São Paulo: Expressão & Arte, 2014. 304 páginas.
- CAZES, Henrique. *Choro: do quintal ao municipal* (4ª edição). São Paulo: Editora 34, 2010. 224 páginas.
- DINIZ, André. *Almanaque do choro: a história do chorinho, o que ouvir, o que ler, onde curtir* (3ª reimpressão). Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013. 106 páginas.
- ESMÊ. Gian Correa, Fabio Peron, André Mehmarí e Fernando Amaro. São Paulo: independente, 2017. CD.
- MISIATTO, Leandro Aparecido Fonseca. Memoricídio das populações negras no Brasil: atuação das políticas coloniais do esquecimento. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v. 13, nº 24, Jan/Jul 2021.
- PRADO, Magaly. *História do rádio no Brasil*. São Paulo: Editora da Boa Prosa, 2012.
- SÃO Paulo no balanço do choro: ao nosso amigo Esmê. Laércio de Freitas. São Paulo, Eldorado, 1980. LP.
- SIQUEIRA, Renata Monteiro. O Largo da Banana e a presença negra em São Paulo. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, Nova Série, vol. 28, 2020, p. 1-33.
- TRIBUTO a Esmeraldino Salles. *Conjunto Um a Zero*. São Paulo: independente, 2002. CD.